

CORPO E CORPOREIDADE NA INTERFACE ENTRE GEOGRAFIA E TEATRO: PROPOSTA DE UMA AGENDA DE PESQUISA

Marcelo Sousa Brito¹
Angelo Serpa²

Resumo: Busca-se, nesse ensaio, explicitar o papel do corpo e da corporeidade como possibilidade teórico-metodológica mais-que-representacional e ontológica na produção do conhecimento geográfico a partir da proposição de uma agenda de pesquisa com pesquisadores do campo da Geografia. O que buscamos se desdobra nas seguintes questões: Onde está o corpo do/a geógrafo/a ao realizar e representar suas pesquisas? Quais estados de emoção passam por seu corpo ao viver experiências de pesquisa? Como incluir na representação esses estados de emoção? A partir da definição de *corpo-lugar* (Brito, 2017), entendemos os pares dialéticos público-privado, interior-exterior, movimento-reposo como necessários aos estudos sobre (e com) o corpo em Geografia. Busca-se aqui aprofundar a relação entre Geografia e Teatro, através de uma agenda que explicita o papel do corpo e da corporeidade como possibilidades “mais-que-representacionais” na produção do conhecimento geográfico.

Palavras-chave: Geografia Humana; Artes da Cena; Corpo; Corporeidade; Corpo-Lugar.

BODY AND CORPOREALITY AT THE INTERFACE BETWEEN GEOGRAPHY AND PERFORMING ARTS: PROPOSITION OF A RESEARCH AGENDA

Abstract: In this essay, we seek to explain the role of the body and corporeality as a more-than-representational and ontological theoretical-methodological possibility in the production of geographic knowledge based on the proposition of a research agenda with researchers in the field of Geography. What we seek in the relationship between Geography and Performing Arts unfolds into the following research questions: Where is the geographer's body when performing and representing their work? What do they feel? What states of emotion go through their body when living research experiences? How can they include these states of emotion in the representation? Why is this exercise necessary? Based on the definition of body-place (Brito, 2017), we understand the following dialectical pairs, public-private, interior-exterior, and movement-rest, as necessary for studies on (and with) the body in Theater and Geography. Here we seek to deepen the relationship between Geography and Theater, through an agenda that to enlighten the body and

¹ Bacharel em direção teatral, mestre e doutor em artes cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), pesquisador colaborador do Grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação e do Núcleo de Estudos em Teatro Popular (NETPOP) na mesma universidade. E-mail: marcelo.sousabrito@gmail.com.

² Professor titular de Geografia Humana da Universidade Federal da Bahia, pesquisador com bolsa de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), nível 1B. Coordenador do Grupo Espaço Livre de Pesquisa-Ação (<https://sites.google.com/view/espacolivreufba>). E-mail: angeloserpa@hotmail.com.

corporeality as "more-than-representational" possibilities for geographical knowledge production.

Keywords: Human Geography; Performing Arts; Body; Corporeality; Body-Place.

INTRODUÇÃO

É da vida na cidade que surgem os grandes temas tratados no Teatro, seja no palco ou na rua, porque até na configuração do edifício teatral a cidade interferiu. As classes sociais precisavam estar bem definidas ao se construir um edifício teatral com lugares específicos, da realeza à plebe, estabelecidos de acordo com a proximidade e a distância do palco; quanto mais rico, mais ilustre e mais próximo do palco ficaria, o público podendo, inclusive, se instalar em suas laterais. Centro-periferia e divisão por classe social dentro do espaço teatral é um fenômeno presente até hoje em muitas salas de espetáculo onde o valor do ingresso define o lugar a ser ocupado.

É a partir dos estudos do corpo na cena e na cidade que Teatro e Geografia se aproximam, cada um com seus interesses, particularidades e modos de atuação. O corpo é, ao mesmo tempo, obra, suporte, forma e conteúdo, que faz relacionar as diversas escalas espaço-temporais. Segundo Chaveiro:

O corpo é a propriedade pela qual o sujeito pode fundar a sua extrema singularidade, registrar na carne a sua história na linha de contato e de intersecção com a história do mundo e dos lugares, mote para experimentar a si mesmo, peça de sentido para colher a propriedade das coisas e para afetá-las com a percepção e com a ação, recurso de estranhamento no tempo e de realização temporal no encontro com o outro, figura de interferência, de gozo – e de descoberta (Chaveiro, 2012, p. 250).

O pensamento de Chaveiro é, inequivocamente, de base fenomenológica e pode ser relacionado às afirmações de Merleau-Ponty: “o corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles” (Merleau-Ponty, 2011, p. 122). Trata-se do corpo como acumulador de experiências de vida, experiências trocadas e vividas a partir de sua relação com os lugares e com quem vive esses lugares.

Experiências estas que vão se tornando repertório de sensações, emoções e memórias guardadas no corpo, prontas para serem sentidas e expressas quando esse corpo se coloca diante de um lugar capaz de acioná-las. Assim, as experiências de vida se transformam na medida em que são revividas como uma espécie de repetição atualizada pelas emoções sentidas. Nesse contexto, o lugar é revelado ao mesmo tempo em que o ser se revela porque:

É no corpo que sua relação com os lugares vai sendo construída ao mesmo tempo em que sua visão de mundo vai se estabelecendo mesmo que, às vezes, de forma violenta através das experiências que ficam marcadas no corpo. Assim chegamos a um *corpo-lugar* que se desloca e se relaciona, ao mesmo tempo em que se constrói, a partir das experiências vividas. No corpo, apesar das mudanças espaciais, os lugares se tornam vivos através da memória, dos rastros e marcas deixados nele (Brito, 2017, p. 50).

Se deslocar vivendo as experiências de vida que os lugares oferecem faz parte do ofício tanto do artista quanto do geógrafo. É vivendo o lugar que experiências e referências são estabelecidas e é essa cadeia de sensações armazenadas ao longo da vida que nos interessa no conceito de *corpo-lugar*.

O *corpo-lugar* surge quando o ser começa a se relacionar com o mundo e a se deslocar, ao se colocar em relação com os lugares que a vida lhe faça percorrer, ocupar e transitar. Em geral é a cidade natal³ o primeiro lugar a preencher esse corpo e, a partir daí, todos os lugares percorridos e ocupados passam a proporcionar o acúmulo e o encadeamento de lembranças, independentemente de julgamento ou crítica, não importando se boas ou más experiências. O importante é a intensidade como são vividas e ficam marcadas no corpo de quem as vive:

É o corpo, portanto, a dimensão concreta do vivido e do viver, desta radical adesão ao presente, concretude que se revela no sensorial, no prazer e na dor. O corpo é sedução, o desvio pela dimensão concreta (e também poética) da vida cotidiana (Serpa, 2019, p.117).

É da prática de tornar vivo no corpo o vivido e o viver cotidianos que tanto artistas quanto geógrafos alimentam o *corpo-lugar* de experiências e sensações. O *corpo-lugar* compõe, portanto, um repertório necessário nas atividades dos dois campos do conhecimento, pois é da experiência de ser do/no mundo que o mundo e seus fenômenos se revelam a nós, nos colocando na posição de criadores e críticos do que a vida produz diante de nossos olhos. E é esse repertório que pode nos tornar cada vez mais sensíveis e atentos ao mundo, com o corpo e os lugares como bases fundamentais para a formação de indivíduos que criam a partir desta interface entre Arte e Geografia.

Nesse ensaio busca-se aprofundar a relação entre Geografia e Teatro, delineando uma agenda de pesquisa e oportunizando a pesquisadores da área de Geografia a possibilidade de uma investigação coletiva, baseada na realização de oficinas temáticas, assim como na organização de trabalhos de campo conjuntos com pesquisadores da área de Geografia, seguidos de rodas de conversa, que explicitem o papel do corpo e da corporeidade como possibilidades “mais-que-representacionais” na produção do conhecimento geográfico⁴.

Aqui, o sentido do “mais-que-representacional” baseia-se na ideia de colocar o pensamento “em ação”, o que implica, para a Geografia, “uma perspectiva relacional que repense as relações entre o biológico e o social, o corpo e a mente, e o sujeito e ambiente” (Paiva, 2018, p. 161). Esta é uma “Geografia do que acontece”, cujas metodologias buscam enfatizar “a experiência direta dos eventos ou objetos em análise”, bem como a “descrição crítica desses eventos, procurando salientar os principais fluxos afetivos em causa que explicam a causalidade dos efeitos das atmosferas nos indivíduos” (PAIVA, 2018, p. 162).

Esta linha de investigação tem sido conceptualizada como ‘métodos atmosféricos’, na medida em que usam o corpo do investigador e o seu potencial afetivo para estudar as intensidades das atmosferas dos lugares e as suas causas e consequências (Paiva, 2018, p. 162).

³ “Em geral”, porque a maioria dos seres humanos vive em cidades no período contemporâneo.

⁴ Também se prevê a realização de um workshop e um seminário aberto ao público no encerramento do processo de pesquisa.

A partir da definição de *corpo-lugar*, entendemos os pares dialéticos público-privado, interior-exterior, movimento-reposo como necessários aos estudos sobre (e com) o corpo em Teatro e em Geografia, estudos e pesquisas que foquem sua atenção no corpo e em sua construção sociocultural ao longo da história; na vulnerabilidade, nas conquistas, nas transformações estéticas, no posicionamento político de indivíduos e grupos etc. Falamos da relação do corpo com os sentimentos, emoções e sensações que se movimentam e se organizam no espaço de intimidade (privado) para serem sentidos, vividos e revelados ao se relacionar com o mundo (público).

CAMINHOS...

É interessante descobrir que a crise apresentação versus representação não é especificidade apenas das Artes da Cena. Pesquisadores e pesquisadoras do campo da Geografia também se dedicam a explicar cada um desses conceitos e situá-los não como oposição, mas sim como complementares em suas pesquisas.

Até o século XIX, a Geografia caminhava praticamente sozinha no que diz respeito à representação do mundo e de todas suas experiências de vida, englobando estudos e pesquisas mais holísticos e poéticos na forma de ver e representar o ser e suas relações com a paisagem. Para isso, descrições profundas e detalhadas eram elaboradas para descrever o que era visto e sentido, ilustradas através de desenhos de paisagens capazes de revelar detalhes de relevo, vegetação, construções e modos de vida, como em Humboldt (1950), por exemplo.

O que mais se observa quando ouvimos/lemos um/a geógrafo/a, e o assunto é representação, é que a Arte muitas vezes é reduzida à pintura e à fotografia, ao bidimensional. Recorrem à Arte para ilustrar sua relação com a paisagem, com cores e formas, mas não aprofundam – e aqui aprofundar quer dizer, literalmente, ir fundo (nas) – as emoções e sensações sentidas e vividas pelo corpo: A nosso ver, é aí que entra a Arte da qual precisamos para isso, como o teatro, o cinema e a dança.

Mais do que analisar a obra de arte, o importante é investigar a relação que se dá entre artista e obra, o que se passa no corpo do/da artista no momento da criação, como nos propõe Heidegger (2010, p. 37): “o artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista. Nenhum é sem o outro”. O/a artista coloca na obra o que se passa em seu corpo ao mesmo tempo em que a obra provoca sensações no corpo de quem cria. É um jogo de relações e trocas e, para que esse fenômeno aconteça, é necessário estabelecer uma conexão entre apresentação e representação.

Mesmo Heidegger (2010), em seu livro “A origem da obra de arte”, parte das obras bidimensionais ou da arquitetura e da escultura para construir seu pensamento, o que exclui a experiência do corpo de quem cria, já que a obra analisada e fruída está ora em uma sala, ora em uma parede exposta, ou erigida em uma paisagem. Nós não vivemos a experiência da criação (apresentação), mas vivemos a divulgação da obra (representação). É uma apreciação do resultado e não do processo. No caso das obras vivas, ou seja, as obras cujo corpo que cria e realiza se faz presente, o processo está no próprio ato da representação, pois a cada representação o corpo absorve, se apropria (de) e libera sensações diferentes, a partir de sua relação com a obra e com o público.

É justamente neste ponto que gostaríamos de fazer avançar a reflexão: Pensar o que acontece no corpo, seja no ato de criar (apresentação), seja no ato de expor (representação), através de linguagens cujas experiências passam diretamente pelo corporal, mas, mais que isso, são estimuladas e praticadas a todo

tempo. O ator e a atriz precisam viver e sentir emoções que não necessariamente lhes são familiares ou “suas”. Então, assim como a cartografia interessa tanto a artistas, bem como conceitos geográficos como paisagem, território, lugar e fronteira, o que faz com que artistas busquem alguma informação no campo da Geografia, seria interessante também que geógrafos e geógrafas se relacionassem mais com essas linguagens: seja praticando, seja disponibilizando o corpo para essas experiências, não necessariamente na posição de quem busca aprimorar qualidades artísticas, mas como quem deseja sentir as possibilidades do corpo armazenar e acionar sensações.

Talvez esteja aí o que buscamos na relação entre Geografia e Artes da Cena. Onde está o corpo do/da geógrafo/geógrafa ao realizar e representar suas pesquisas? O que sente? Quais estados de emoção passam por seu corpo ao viver experiências de pesquisa? Como incluir na representação esses estados de emoção? Por que é necessário esse exercício?

Esses princípios e premissas poderiam ser colocados em prática a partir da **realização de oficinas temáticas** com pesquisadores assim como com mestrandos/as e doutorandos/as do campo da Geografia, além de estudantes de graduação que estejam desenvolvendo pesquisas de Iniciação Científica ou de Trabalho de Conclusão de Curso. Nessas oficinas seria discutida com os participantes voluntários da experiência nossa relação com a cidade e os lugares urbanos. As oficinas seriam guiadas por textos que nos dão a possibilidade de ler e compreender a Geografia enquanto Arte, assim como o papel do corpo e da corporeidade em processos de pesquisa em andamento.

Em uma conferência proferida como aula inaugural do à época recém-criado Mestrado em Geografia do Instituto de Geociências da UFBA, em 05 de abril de 1994⁵, há trinta anos atrás, o professor Milton Santos falou sobre essa necessidade de aproximação da Geografia com a Arte. Segundo Santos, é essa aproximação que fará o/a geógrafo/a estar mais próximo/a da sociedade, através da construção de enredos e de histórias de vida ligadas ao lugar e ao mundo:

Se o enredo do mundo, e, no caso particular, o enredo do Brasil, que produzimos for vestido com as frases que a sociedade é susceptível de entender, apreciar, seguir, a nossa verdade será a deles, isto é verdade da sociedade, e o nosso papel na vida social será multiplicado (Santos, 1996, p. 30).

Na verdade, o que Santos pretendia com essa provocação era tirar o/a pesquisador/a em Geografia de sua zona de conforto, conforto esse que tornou, de certo modo, fria e distante a escrita produzida nessa área do conhecimento, restringindo-se essa produção muitas vezes apenas ao meio acadêmico. E é com essa agenda de pesquisa que poderíamos nos debruçar sobre textos que estimulem o/a geógrafo/a a se colocar no lugar do artista, ou se servir da Arte e do corpo como inspiração para comunicar os resultados de suas pesquisas. E, mais uma vez, Santos vem ao encontro de nossas premissas ao afirmar que a força explicativa da Geografia

vai depender, em parte, da associação entre a ciência e a arte. Um dos aspectos da vida universitária hoje é que, em boa parte dos casos, o que nós escrevemos é ilegível para o resto da humanidade. Quanto a nós, geógrafos, acho que nem o fato de estarmos num Instituto de Geociências deve nos levar a dizer que a Geografia é

⁵ A conferência foi transcrita, editada e publicada em 1996 no Caderno de Geociências, do Instituto de Geociências da UFBA.

uma ciência. Ela é um conhecimento que ganharia em obedecer aquela sugestão de Bruno Latour, quando decidiu escrever uma novela para contar o resultado de uma pesquisa. Na realidade, o texto científico é também produzido como uma novela, com um enredo elaborado a partir da produção do sistema dos conhecimentos (Santos, 1996, p. 29).

As oficinas temáticas descritas anteriormente deflagrariam uma segunda etapa da agenda proposta aqui, que consistiria na realização de **trabalhos de campo coletivos em Salvador-BA**. O teatro poderia nesse contexto estimular os/as geógrafos/as a romper com sua zona de conforto, através da elaboração de narrativas cartográficas e de vivências da/na cidade. São essas vivências que alimentariam o repertório de cada participante a partir de itinerários realizados em Salvador, retirando desses itinerários material para a construção de uma “dramaturgia da cidade”, na qual o/a geógrafo/a vai identificar enredos, tensões, sensações, enfim, as “peripécias” da vida diária, para transformar essas vivências em narrativas cartográficas.

Além das referências de cada participante, durante os trabalhos de campo novas sensações e diferentes percepções de vida seriam absorvidas, incrementando-se, assim, o vocabulário do *corpo-lugar* de cada um. Para essa fase recorreríamos a processos cartográficos mais poéticos, como os propostos por Seemann: “o ponto de partida para cartografar lugares é a pessoa que mapeia as suas ideias sobre a realidade, o que torna o mapeamento dos nossos lugares uma atividade essencialmente humana” (Seemann, 2012, p. 85).

Seemann é um especialista na arte da cartografia, empenhado em estimular o uso e a criação de outras formas cartográficas, mais lúdicas e poéticas, nas quais as experiências e vivências do indivíduo sejam consideradas como uma biografia escrita por si mesmo. Nesse caminho, Seemann defende a ideia de que:

Os mapas se tornam visões do mundo, espelhos da realidade vivida, meios de comunicação e indicadores de emoção, medo e ideias, tornando-se uma forma de conhecimento visual que é responsável pela formação de muitos aspectos da imaginação geográfica da sociedade contemporânea (Seemann, 2013, p. 96).

Os itinerários propostos aqui como procedimento metodológico seriam, portanto, um meio para que cada participante se disponibilizasse a sentir as sensações e os estados de emoção experienciados durante o trabalho de campo. Nesse contexto, pode-se prever uma variedade de estados como pressa, irritação, sonolência, raiva, desorientação espacial, preguiça, impaciência e/ou intolerância.

A nosso ver, a apropriação desses estados de emoção possibilitaria a cada participante outras formas de ver e perceber a cidade: o importante aqui é proporcionar ao/à geógrafo/a outro modo de experienciar o espaço urbano, com a possibilidade de se distanciar no tempo e no espaço e deixar que outros estados sejam experimentados e vividos. Observar, perceber, sentir. Deixar o corpo se deslocar em busca de informações que só a relação entre corpo e mundo pode nos possibilitar. O corpo se relacionando com a vida e o cotidiano urbanos.

Assim, o corpo (o próprio indivíduo) se deslocando na cidade, vivendo pausas e movimentos no espaço, fornece, a cada um/a, identificação com o lugar, repertório, memórias e sensações necessárias para a composição de seu *corpo-lugar*. Segundo Bernard:

A realidade corporal, bem viva e concreta apreendida cotidianamente na experiência imediata de nossas sensações, afeições e ações pessoais, se dilui e se extravasa, em alguma sorte, nas mitologias nas quais a significação pertence à cultura que nos alimentou. (...) A experiência corporal de cada um é penetrada de parte em parte por outros e pela Sociedade, como fonte, órgão e suporte de toda cultura (Bernard, 1995, p. 139)⁶.

Uma terceira etapa da agenda proposta aqui consistiria na **realização de rodas de conversa** com os/as participantes dos trabalhos de campo para avaliação coletiva das experiências com foco no corpo e na corporeidade e nos estados de emoção vivenciados durante os itinerários. A realização dessa etapa é importante também para que cada participante experimente formas híbridas de apresentação/representação dos itinerários realizados em campo, buscando sistematizar e documentar esses itinerários contrapondo-os às experiências dos demais participantes. Ao final de cada roda de conversa realizada buscar-se-ia construir uma narrativa cartográfica coletiva que buscasse sintetizar o campo anteriormente realizado.

E narrativa aqui é entendida como o ato de contar histórias vividas. Tanto na sabedoria ocidental, quanto na oriental, nos interessa, como referência de narrativa, a experiência que é passada de boca em boca. Quem é um/a bom/boa contador/a de suas próprias histórias, ocupando o posto de narrador/a da própria vida, saberá, na escrita, produzir belas narrativas. Para Walter Benjamin, a narrativa

que durante tanto tempo floresceu num meio artesão – no campo, no mar, na cidade – é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada, como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, imprime-se na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (Benjamin, 2012, p. 221).

É através do corpo de quem vive a experiência, que essa forma artesanal de narrar será absorvida, para depois ser transformada em escrita. Tudo que se aprende com a vida, com os mais velhos, as mais velhas, em todos os rituais de iniciação, sejam eles míticos, educacionais, culturais ou sociais se constitui como elementos formadores de uma boa narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação ao objetivo geral da agenda de pesquisa aqui proposta, de explicitar o papel do corpo e da corporeidade como possibilidade teórico-metodológica mais-que-representacional e ontológica na produção do conhecimento geográfico, a realização de uma ou mais oficinas temáticas, desdobradas na realização/organização de trabalhos de campo e rodas de conversa com os participantes da experiência se constituem enquanto metas, que seriam avaliadas através de indicadores específicos apresentados a seguir.

Constituem-se em indicadores de acompanhamento da implementação da agenda: - avaliação regular e sistemática dos resultados das oficinas temáticas entre

⁶ Tradução nossa para: “La réalité corporelle, bien vivante et concrète appréhendée quotidiennement dans l’expérience immédiate de nos sensations, affections et actions personnelles, se dilue et s’extravase, en quelque sorte, dans des mythologies dont la signification appartient à la culture qui nous a nourris. (...) L’expérience corporelle de chacun est pénétrée de part en part par autrui et la Société, comme source, organe et support de toute culture”.

os pesquisadores participantes dessa etapa específica; - avaliação regular e sistemática dos resultados dos trabalhos de campo e rodas de conversa relativos à segunda e à terceira etapas da pesquisa; - avaliação de todo o processo de pesquisa com a realização de um workshop interno em uma quarta e última etapa da pesquisa; - realização de um grande seminário aberto ao público no encerramento do processo de pesquisa, na quarta etapa; - divulgação dos resultados alcançados através da publicação de artigos e e-book bem como da participação dos pesquisadores envolvidos em eventos e fóruns científicos pertinentes à temática de pesquisa a ser desenvolvida com a efetivação da agenda aqui proposta.

A combinação de narrativa e cartografia como procedimento metodológico inspira-se nas situações vivenciadas na disciplina “Narrativas Cartográficas” criada e ministrada por Marcelo Sousa Brito em anos anteriores no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC-UFBA) quando desenvolveu um projeto de pesquisa de pós-doutorado com bolsa PNPd da CAPES (encerrado em 2021). Durante as atividades da disciplina, os estudantes matriculados⁷, munidos de suas anotações provenientes dos itinerários realizados, buscavam materializar uma representação cartográfica em grupo, o que requeria diálogo e negociação. O objetivo era criar narrativas poéticas para as cartografias realizadas durante os itinerários de cada estudante, relacionando-as com as ideias e visões de mundo de cada um/a a partir dessa vivência da cidade como processo de constituição do *corpo-lugar*. As experiências desenvolvidas no âmbito da disciplina também deram origem ao livro *Narrativas Cartográficas. Teatro e Experiências Urbanas*, publicado pela Editora da Universidade Federal da Bahia (EDUFBA) em 2023 (Brito, 2023).

O importante é que geógrafos e geógrafas comecem a experimentar o que o artista experiencia, que é colocar o corpo em relação com o ser e com o mundo, percebendo o que se passa em seu corpo no momento que a experiência é vivida. É quando essa consciência corporal acontece que podemos tanto analisar como descrever o que vivemos/sentimos; e também estimular o outro a descrever o que vive/sente. Assim, como um trabalho coletivo, essa teia de dados holísticos e materiais vai tomando forma como parte de um processo, tornando o mapa fruto de “uma sequência de ações, tanto para sua confecção quanto para sua leitura” (Seemann, 2003, p. 52).

O corpo como mediador, que nos acompanha da apresentação à representação e vice-versa, nos faz, ao mesmo tempo, ser, viver, traduzir, elucidar, explicar, mostrar, refletir, tensionar, problematizar e conceituar o que apresento-represento. Como, por exemplo, os mapas como biografias espaciais, pensados a partir de uma abordagem crítica e humanista com a proposta de sentir-experimentar para mudar-transformar. É importante se encontrar no mapa, se identificar no mapa e assim viver essa experiência de lugar no próprio corpo (Brito, 2017). Essa postura coloca o mapeamento em constante movimento a partir da experiência de quem mapeia e vive o mapear. O importante nesse processo é ver e acessar não somente o que é mostrado/revelado, mas também o que é omitido (Seemann, 2021).

Uma prática geográfica que incorpore o corpo e a corporeidade como intrínsecos à pesquisa e às reflexões em Geografia deve necessariamente estabelecer um diálogo com a Arte, compreendendo o corpo como um elo entre os dois campos (artístico e geográfico). Também não se deve perder de vista que os estudos comportamentais em Geografia clamam pela compreensão do corpo como o pivô de uma ciência encarnada e situada e que a Arte pode ser efetivamente a lente para compreender e acessar espaço e mundo de modo outro e corporificado.

⁷ A disciplina contou, nos semestres nos quais foi oferecida, com pós-graduandos de Artes Cênicas, mas também de Geografia e Arquitetura e Urbanismo, da UFBA.

E, no caso da ciência geográfica, o que se propõe aqui como agenda de pesquisa é uma possibilidade efetiva de explicitar inter-relações e conexões entre corpo(s) e espaço, numa perspectiva ontológica e vivida. Uma agenda de pesquisa para a Geografia que sublinhe o fato de que ser corpo “é estar atado a um certo mundo”, e que o “corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço” (Merleau-Ponty, 2011, p. 205). Geógrafos/as devem se colocar em suas pesquisas como corpos “abertos e porosos ao mundo”, evidenciando em suas reflexões que espaço e mundo se constituem, dialeticamente, enquanto experiências humanas corporificadas.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, v.1, Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BERNARD, Michel. **Le corps**. Paris: Éditions du Seuil, 1995.
- BRITO, Marcelo Sousa. **O teatro que corre nas vias**. Salvador: EDUFBA, 2017.
- BRITO, Marcelo Sousa. **Narrativas Cartográficas**. Teatro e experiências urbanas. Salvador: EDUFBA, 2023.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. Corporeidade e lugar: Elos da Produção da Existência. In: HOLZER, Werther; MARANDOLA JR, Eduardo; DE OLIVEIRA, Livia (Org.). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo/SP: Perspectiva, 2012. p. 249-279.
- HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Tradução de Idalina Azevedo da Silva e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.
- HUMBOLDT, Alexander Von. **Quadros da Natureza**. 1 – Vol. XXXIV. Editora W.M. Jackson, 1950.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.
- PAIVA, Daniel. Teorias não-representacionais na Geografia II: métodos para uma Geografia do que acontece. **Finisterra**, Lisboa, v. 53, n. 107, p. 159-168, 2018.
- SANTOS, Milton. Os novos mundos da Geografia. **Caderno de Geociências**, Salvador, n. 5, p. 21-30, novembro de 1996.
- SEEMANN, Jörn. Tradições humanistas na cartografia e a poética dos mapas. In: HOLZER, Werther; MARANDOLA JR, Eduardo; DE OLIVEIRA, Livia (Org.). **Qual espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 69-91.
- _____. **Carto-Crônicas: uma viagem pelo mundo da cartografia**. Fortaleza/CE: Expressão gráfica e editora, 2013.
- SEEMANN, Jörn. Mapas como biografias espaciais: explorando cartografias pessoais. In: SERPA, Angelo. **Representação e Geografia**. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 181-196.
- SERPA, Angelo. **Por uma geografia dos espaços vividos**. Geografia e Fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019.